

**ST 6 – NARRATIVAS, TESTEMUNHOS E OUTROS
DISCURSOS**

Levi nos jornais brasileiros: um escritor neorrealista?

Levi in Brazilian newspapers: a neorealist writer?

Átila Fernandes dos Santos¹

A recepção brasileira tem um caráter de intertextualidade, não seguindo a recepção da fortuna crítica italiana, ou seja, as leituras dos críticos brasileiros não estão no mesmo passo que aquele estabelecido nas terras mediterrâneas, entrecruzando relações diferentes. A conexão de Primo Levi e suas obras fizeram um caminho de escolhas e apagamentos. A curva das leituras brasileiras estabeleceu diálogos a princípio com a figura de um autor neorrealista que inseriu Levi diante do contexto e da elaboração estética de um período italiano. Essas figurações provocam reflexões a respeito da organização formalista, no entanto, não incorrendo em análises intratextuais, pois o autor é apenas citado dentro de um sistema e não comentado ou criticado.

A primeira matéria em que encontramos uma menção a Levi data de 1979. No jornal *O Estado de São Paulo*, saiu uma matéria intitulada: “Os rumos da literatura italiana”, de Loredana Caprara. A autora é especialista na literatura italiana e estudiosa de Gadda, Morávia, Calvino, Carlo Levi e outros autores. Somos apresentados a uma sistemática formação de conjunto entre obras e o gênero do neorrealismo italiano. Conforme Caprara, esse gênero se formou na Itália ligado a pequenos grupos que queriam construir uma literatura baseada no cotidiano, na

¹ Doutorando. Programa de pós-graduação em História da UFG. Contato: atilasantos@discente.ufg.br

primeira metade do século XX. Essa literatura abordaria temas do trabalho, da vida comum, com forte apelo ideológico. Caprara argumenta:

Travavam-se violentas polêmicas a respeito do formalismo, escritores e críticos indagam se é mais importante na narrativa a forma ou o conteúdo. Novos conteúdos são procurados em situações características do país: os escritores começam a retratar a pobreza e o primitivismo da vida no campo, as tradições arcaicas que permanecem paradas através dos séculos, o trabalho, a fadiga o sofrimento do povo. (CAPRARA, 1979, p. 10)

A evolução a respeito da obra literária, enquanto forma, possibilita vários questionamentos sobre a estética dos gêneros, seus modelos, no que tange a suas repetições e até a revisão dessa estrutura. Para a pesquisadora, a polêmica se insere na definição dessas obras neorrealistas, que são encaradas de maneira problemática pelos críticos, que supõem a missão de sistematizar e organizar essas literaturas e tais consequências fizeram esses autores se questionarem para além da forma, considerando também o conteúdo dessas tramas.

O tema neorrealista aparece com tom político e social:

[...] em 1930, Corrado Alvaro tinha publicado *Gente in Aspromonte*, um livro de contos que retrata a sua terra calabresa. A Calábria foi, e ainda é, uma terra pobre e primitiva, onde a vida é luta cotidiana pela pura sobrevivência, onde os padrões morais são rígidos, as tradições são ritos sagrados, a justiça um ideal que não consegue ser realizado. (CAPRARA, 1979, p. 10)

Mais adiante a autora comenta sobre outra obra:

O livro mais conhecido e importante de Elio Vittorini é *Conversazione in Sicilia* (1941). [...] Para Vittorini, *Conversazione in Sicilia* era um dos seus romances melhores, mas ele não tinha a mesma confiança num outro dos seus romances: *Uomini e no*, que também teve grande sucesso. Já o título afirma, sem possibilidade de dúvidas, que o autor pensa que existem homens que são verdadeiros, e outros que não tem humanidade, piores do que feras enfurecidas. Num dos episódios mais conhecidos do romance, um cachorro

policial, atirado pelos soldados fascistas, estraçalha um homem, matando-o. O fato acontece durante a guerra, na prisão de Milão. Depois do terrível episódio, o cachorro esconde-se, enquanto os homens parecem indiferentes. Vittorini comenta dizendo que no cachorro existe mais humanidade do que naqueles homens. É uma tese simplista demais, útil, talvez, no momento da luta, na qual, entretanto, não pode basear-se uma obra de arte, que precisa de maior equilíbrio e distanciamento a respeito das paixões e dos ódios. (CAPRARA, 1979, p. 10)

Segundo Caprara, esses livros devem ser lidos como “documentos de um período de sofrimento”. Essa recomendação acompanha o aviso que se tratam de obras quase autobiográficas, romances em que seus escritores estão, por vezes, demasiadamente envolvidos com a história. A autora não deixa de fazer críticas a esses autores:

Eles queriam criar uma nova linguagem, mais natural e espontânea, reflexo, na literatura, da nova realidade do país. Mas sua teoria apresenta alguns equívocos. O registro falado não pode substituir o registro escrito, por ser um registro reduzido, condicionado por situações extraverbiais: entonação, gestos, expressão facial. (CAPRARA, 1979, p. 10)

Nesse ponto, podemos pensar algumas delimitações nas taxonomias classificadoras:

O neo-realismo é, com efeito, simples demais em nível de linguagem, e, por isso consegue retratar só o aspecto mais visível da realidade, aquele que estava mais vivo na mente e no coração dos escritores, prescindindo daquela parte da realidade que um homem comum só pode intuir, e restituir, na obra de arte, através de técnicas intuitivas. [...] Contudo, há obras neo-realistas que, ainda hoje, valem a pena serem lidas, pelo menos como documentos de um período de sofrimento, em que a Itália semidestruída encontrou novamente a si mesma. Lembrarei só: Primo Levi – Se questo é un uomo, Mario Rigoni Stern – Il sergente nella neve, Giuseppe Berto – Il cielo è rosso, não por serem estes os romances mais válidos, mas por representarem três aspectos diferentes dessa produção: os Campos de concentração, a retirada

das tropas italianas na Rússia e os reflexos da guerra nas cidades.(CAPRARA, 1979, p. 10)

Com um olhar suspenso, a analista comenta os problemas na formalização de categorias classificatórias. A formalização do conceito de neorrealismo tem seus problemas logo na classificação de uma datação específica, uns apontando o início da Segunda Guerra Mundial e tendo fim com o término da guerra, ao passo que outros intelectuais defendem uma perspectiva oposta, situando o final do neorrealismo literário italiano no início da Segunda Guerra Mundial. E ainda temos apontamentos de que o neorrealismo só teria sua estética despertada no pós-guerra, com o protagonismo da arte no cinema. (BETELLA, 2011) (SANTOS, 2021)

Não foi apenas no Brasil que a literatura de Levi foi integrada ao neorrealismo. Um texto de 1984, publicado na revista *Biblos*, de Coimbra, realizou essa mesma aproximação. A questão central de Maria Rita da Silva Marnoto, autora do artigo na revista portuguesa, era a relação entre dois problemas metodológicos:

Por um lado, a diversidade de textos e tendências com que o crítico se confronta não permite que tudo desta produção seja feito à luz de uma norma uniforme e inflexível, sob perigo de fazer redundar fáceis tentativas de simplificação no mais elementar simplismo. Por outro lado, sendo o neorrealismo um movimento estético impregnado de profundos significados ideológicos, não raro a sua abordagem se encontra dependente dos pressupostos ideológicos pessoais do próprio crítico. (MARNOTO, 1984, p.126)

Marnoto pensa Levi a partir de uma relação problemática para aquele momento, a questão da subjetividade da escrita, na literatura e na não-ficção (MARNOTO, 1984). Havia de se considerar, também, a questão ideológica, que é tomada como um elemento particular dessas produções, ou seja, segundo Marnoto e Caprara, outras

escolas literárias não teriam os mesmos elementos, pois o aspecto pessoal, ideológico, subjetivo aparece em cena de modo particular no neorrealismo italiano. Mesmo que notemos a preocupação da pesquisadora em alcançar uma reflexão livre da subjetividade, Marnoto chega à constatação de que o neorrealismo tem suas especificidades, subdividindo essa escola em temas: as experiências narrativas, os grupos da imprensa, as memórias e o romance. O formalismo, segundo Marnoto, teria dificuldades de organizar essas produções, não conseguindo estabelecer diretamente uma ordem cronológica, uma única estética, uma construção narrativa semelhante em seus temas. Por isso, ela vai defender o neorrealismo italiano como um movimento dotado de um “hibridismo, nebulosidade” (MARNOTO, 1984, p. 185). Segundo Marnoto e Caprara, o olhar da crítica e seu ofício estariam voltados para uma escrita objetiva, científica, que se distanciasse da subjetividade, que estabelecesse métodos que rompessem com o relativismo e a ambiguidade. No formalismo não há espaço para esses dilemas, considera Marnoto, ressaltando a polêmica, as críticas ao “simplismo da escrita”, “enaltecido por uns, asperamente criticado por outros” (MARNOTO, 1984, p.125).

Caprara, no Brasil, é mais direta: “O neo-realismo literário é, com efeito, simples demais ao nível de linguagem, e, por isso, consegue retratar só o aspecto mais visível da realidade” (CAPRARA, 1979, p.10) A simplicidade, o coloquialismo, os temas comuns do universo popular, cotidiano, rural e citadino, até mesmo temas autobiográficos como a guerra, seriam enunciados, explorados por esses autores considerados neorrealistas, não alcançando tópicos mais profundos, somente os mais

imediatos. A crítica de Caprara traça um caminho que se assemelha em alguns aspectos com as primeiras análises dos críticos italianos que surgem a partir da publicação de *É isto um homem?*. Primeiro pela organização e conexão da obra e do autor a autores e obras que foram denominadas “neorrealistas”, porém, essa discriminação fornece outros argumentos para interpretarmos a leitura. Esse procedimento crítico pode ser analisado no trecho “aspecto mais visível da realidade [...]”(CAPRARA, 1979, p.10), que, conforme a especialista, não alcança o coração e as sensibilidades dos leitores. Caprara encontrou, nos enunciados e na linguagem desses escritores, uma simplicidade do mundo material e não dos elementos sensíveis, desse modo, uma narrativa que alcança até as profundezas da realidade circundada não se conecta aos enunciados da esfera do neorrealismo. Assim, a possibilidade de narrativas sensíveis ao universo para além do material é suprimida e apagada.

Ao relacionarmos o neorrealismo com a literatura de Levi encontramos algumas semelhanças que permitem estabelecer diálogos com as referências de Caprara. Robert Gordon considerou que na *esfera cultural* italiana do pós-guerra encontramos práticas de escrita literárias que convergem, e Primo Levi, em certa medida, pode ser comparado com os neorrealistas pela intersecção de elementos estéticos e estilísticos (GORDON, 2012, p.7). Cotejando a recepção dos críticos italianos de suas obras, podemos observar esse jogo de familiaridade.

Fazendo diálogo com a crítica italiana, os entrecruzamentos entre memória, ciência e literatura instigaram os críticos a destacarem essas relações. Com a

publicação da primeira obra de Levi, *É isto um homem?*, uma das críticas mais importantes seria a do principal jornal de Turim, o *La Stampa*. Com o título “Imagens inesquecíveis”, em 1947, Arrigo Cajumi abordou a originalidade da obra de Levi, enquanto relato, reflexão e narrativa: “[...] Levi é um pintor maravilhoso, [...]: eles falam de fatos, e o sentimento”. Levi elabora sua memória escrita “martelando sua experiência” em um esforço analítico de abordagem biológica e social: “e o animal adaptado ao meio ambiente resiste, enquanto os outros são inexoravelmente destruídos. A lei da seleção natural de Darwin aplicada aos triunfos da espécie humana.” (CAJUMI, 1997, p.305).

Na síntese analítica de Cajumi, vemos uma miríade de referências intelectuais de Levi, que reúnem uma formação científica com uma experiência catastrófica. A intersecção desses materiais narrativos situa a obra em uma anomalia darwinista e filosófica que colocou a espécie humana no centro das discussões. A leitura de Arrigo Cajumi, crítico do jornal *La Stampa*, confirmou esse caráter de semelhança na composição narrativa, recomendando a leitura conjunta do livro de Levi e de Italo Calvino *A trilha dos ninhos de aranha (Il sentiero dei nidi di ragno)* (1947): “Agora que está na moda, eu recomendo, ao lado das visões fantasmagóricas de Levi à luz da alvorada que paira no livro de Calvino [...]”, Cajumi finaliza: “Não nos esqueceremos tão cedo de suas imagens.” (CAJUMI, 1997, p.305).

Cajumi, apresentou uma leitura que buscou equilíbrio entre um lado, onde temos as desoladoras sombras de Levi e outro, em que temos as luzes do amanhecer nas montanhas, do livro de Calvino. *Il sentiero dei nidi di ragno* é uma obra com tom

fantástico e que, a partir da perspectiva de uma criança, aborda a Segunda Guerra Mundial e a resistência italiana. A contraposição complementar de Cajumi ressaltou o caráter não apenas de testemunho, mas literário, o prazer da leitura. Cajumi aproximava a relação tensão (Levi) e calma (Calvino), como uma harmonia possível pela realização de leituras que são distintas, mas que se conectam pela crítica.

Cajumi não tomou esses autores como neorrealistas – uma categoria que não existia, no momento em que ele escreveu sua resenha. No entanto, ao relacionar a obra de Levi ao livro de Calvino, estabeleceu relações entre autores que se inseriam em uma época e escreviam literatura. O chamado neorrealismo italiano nunca teve um manifesto, não devendo ser compreendido rigidamente, mas como uma posição estética da vida cultural italiana que buscava, no presente, desvendar o caos e as mistificações que os fascistas ocultavam.

No pós-guerra, a vida intelectual e literária continuava marcada pelo fascismo italiano, de modo que era necessário construir narrativas, carregadas de memórias, que exaltavam a participação das pessoas comuns que agiram politicamente como *partigiani*, reconstituindo lugares, cidades, costumes, culturas das mais variadas províncias. Esse neorrealismo inter-relaciona elementos distintos em propósitos semelhantes. A experiência de se opor ao regime fascista trouxe a necessidade de comunicar, como sobrevivente e testemunha, não somente, individualmente, expressando a dor e as lutas em primeira pessoa, mas expressando em terceira pessoa, fazendo da unidade das vidas e experiências narradas, uma refração da própria subjetividade desses autores. Essa narração reúne um coletivo de sujeitos se

colocando no lugar dos personagens que viveram tragédias reais, essa literatura apresentou elementos estéticos que exaltaram a coletividade, a alteridade, revelando na escrita formas estratégicas para transmitir, pela empatia e a cooperação, seus temas e conteúdo. Essas obras repercutiam diante de cenários diferentes, não somente o norte italiano, mas as cidades do centro-sul italiano, os campos, as aldeias, províncias remotas e centros urbanos, retratando homens da terra, camponeses, fazendeiros, trabalhadores, proletários de fábricas, comerciantes, artesãos e desempregados. A forma da narrativa, os temas e conteúdos lançados por esses autores agregavam setores, lugares e localidades da sociedade italiana.

Entre as montanhas da antiga cidade de Ligúria, onde o jovem Calvino teve suas experiências de revolucionário *partigiano*, se conectaram com aquilo que estava além dos muros das fábricas e alojamentos de concreto na Alta Silésia polonesa, o relato de um ex-prisioneiro e sobrevivente, Levi. As conexões realizadas por Cajumi podem ser também acompanhadas em Caprara ao denotar no gênero neorrealista uma denúncia, que relatava e contava a história de dor, pobreza e opressão. No entanto são muito diferentes suas conclusões. Caprara apresentou o neorrealismo pensando virtudes, mostrando a miséria, a pobreza, a violência e os “equivocos”, considerando existir uma simplificação da linguagem e da reflexão sobre a violência, além de um envolvimento apaixonado dos autores na trama. Como documentos de sofrimentos, os livros mencionados, incluindo os de Levi, são memórias e romances que devem ser lidos com suspensão dos afetos, com afastamento, distanciamento do leitor para com as paixões narradas nessas histórias.

Referências

CAPRARA, Loredana. Os rumos da literatura italiana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01 de Julho, 1979. Suplemento Literário. p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 19 fev. 2020.

BETELLA, Gabriela, Kvacek. Memórias do eterno fascismo italiano: os projetos literários de Carlo Levi e Vasco Pratolini em *Cristo si è fermato a Eboli* (1945) e *Cronache di poveri amanti* (1947). *ABRALIC*. XII Congresso Internacional da ABRALIC. Universidade Federal do Paraná, 2011, p.5. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0391-1.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.

SANTOS, Anne, Caroline de Moraes. Cristo Parou Em Eboli, De Carlo Levi, E Fontamara, De Ignazio Silone: Neorealismo Italiano E A Luta Contra As Questões Sociais. *Filologia* (Online). p.6. Disponível em: http://filologia.org.br/vii_jnf/completos/cristo_parou_eboli_ANNE. Acesso em: 03 fev. 2021.

GORDON, Robert S. C. *The Holocaust in Italian culture, 1944-2010*. *California: Stanford University Press, 2012*.

CAJUMI, A. *Immagini indimenticabili*. "La Stampa", 26 Novembre 1947. In: FERRERO, Ernesto - *Primo Levi: un'antologia della critica*, Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997, p.305.

MORAES, Cintia, Silva. A literatura na trilha da memória: aspectos narrativos de A Trilha Dos Ninhos De Aranha, de Italo Calvino. *Papéis*. ISSN 2448-1165. Campo Grande, v. 22, Nº 44, 2018, p.184-188.

BETELLA, Gabriela, Kvacek. "O eterno fascismo italiano" e a resistência dos romances de Ignazio Silone, Carlo Levi e Vasco Pratolini. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, p. 47.

CAMPINAS DO PIAUÍ NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: a fábrica de laticínios como importante guia condutor da memória urbana (1977-2014)

CAMPINAS DO PIAUÍ ON THE MEMORY TRACKS: the dairy factory as an important guide to urban memory (1997-2014)

Camila Carvalho Moura Fé¹

A cidade vem se constituindo como importante campo de estudo na historiografia, como consequência, isso vem favorecendo a emergência de pesquisas cada vez mais focadas na abordagem do urbano. Neste trabalho, utilizamos a categoria conceitual de cidade-memória para pensar como o espaço urbano se estabelece como um lugar de memória, auxiliando a compreensão de práticas texturológicas (CERTEAU, 1998, p. 177). Ainda capturamos as referências acerca do conceito de espaço urbano empregadas por Corrêa (2003, p.09) e Carlos (2001, p.17), como: espaço fragmentado, articulado e condicionante da sociedade, visto como um campo de lutas resultante das relações sociais conduzindo a um conjunto de símbolos produzidos pelos grupos sociais. Na medida em que a produção da cidade e do urbano tende a um plano da prática socioespacial.

Situamos nosso objeto de estudo na cidade de Campinas do Piauí e sua relação como cidade-memória. Sabendo que a memória das cidades está interligada

¹ Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Integra o Grupo de Trabalho: História, Cidades e Memória da Associação Nacional de História (ANPUH) – Sessão Piauí. E-mail: camilamf21@gmail.com

aos acontecimentos estabelecidos por grupos ou comunidades, mediante o quadro das relações sociais que se desenvolvem no cotidiano urbano, transformando-se em referenciais de uma memória social ou coletiva, o pequeno município piauiense em questão se coloca dentro dessa perspectiva, porque contém em seu espaço traços que evidenciam sentimentos de apego e pertencimento da comunidade com o lugar.

Campinas do Piauí foi fundada em torno de uma fábrica de laticínios, construída no final do século XIX. Foi a primeira indústria desse ramo de produção no Nordeste, e segunda no Brasil, pois a primeira surgiu em Minas Gerais, em 1888, na Serra da Mantiqueira. A fábrica de laticínios sinalizou mudanças no espaço, marcando a introdução de elementos modernos sobre o meio rural, assim como moldou novas relações de trabalho no que tange à substituição da mão-de-obra escrava para o trabalho assalariado. Foi também cenário de conflitos políticos, em meio as tensões entre lideranças oligárquicas piauienses.

Sendo assim, essa indústria torna-se um importante condutor da memória da cidade, não só porque esta foi construída em volta dela, mas também porque denota uma gama de memórias coletivas que atribuem diversos sentidos e valores simbólicos ao prédio. Portanto, nosso objetivo é traçar uma análise que enfoque a maneira como essa memória é compreendida no fazer urbano. Utilizaremos fontes orais e iconográficas para analisarmos como essa memória está representificada na cidade.

Em um primeiro plano, é preciso estabelecer a localização espacial e geográfica da cidade. Campinas fica localizada no centro-sul do estado do Piauí e possui uma área de 796,953 km². Foi elevada a categoria de cidade em 15 de abril

de 1964, juntamente com outros municípios arredores, sendo desmembrada do município de Simplício Mendes. A construção da fábrica de laticínios aconteceu anos antes de sua emancipação política, em 9 de abril de 1897. Nesse período, Campinas do Piauí não passava de um povoado, denominado nessa época de Campos.

A pequena localidade de Campos fazia parte das Fazendas Nacionais sendo essas terras arrendadas em 1889, pelo engenheiro piauiense Antônio José de Sampaio², responsável pela idealização da indústria, após voltar da Europa, influenciado pelo *boom* do desenvolvimento agroindustrial no setor de laticínios, sobretudo na Suíça e na Alemanha. Com a instalação da Fábrica dos Campos, casas foram sendo construídas nas proximidades do prédio para abrigar os trabalhadores. Tal contexto evidencia planejamento do espaço urbano depois que passa a condição de cidade, uma vez que teve seu espaço moldado pela presença da fábrica de laticínios.

O reflexo disso é perceptível na construção dos principais órgãos municipais da cidade, que ficam localizados próximos à indústria, por exemplo: a praça central, a prefeitura, uma quadra esportiva e a igreja católica. Todas estão concentradas na Rua Dirceu Arco Verde, onde a antiga indústria fica posicionada. A indústria transformou-se no cerne da memória do espaço urbano, porque a comunidade

² Nascido no Estado do Piauí em 1857, especificamente na freguesia de Nossa Senhora do Livramento (atual cidade de São José de Freitas). Antônio José de Sampaio, oriundo de família com elevado poder aquisitivo na região, viajou para a Europa, onde estabeleceu a sua formação, tornando-se bacharel em letras por Weisthertur, engenheiro industrial pela Escola Politécnica Federal da Suíça e doutor em ciências físicas e naturais pela universidade de Zurique. Em 1882 o engenheiro retorna ao Brasil, atuando inicialmente como professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e anos depois como arrendatário das Fazendas Nacionais. Ver em: VILHENA, 2006.

deposita nela valores simbólicos e identitários que marcam a relação da sociedade com o prédio. Na figura 1 podemos ver a localização da fábrica dentro da cidade.



Figura 1: Fotografia da praça Nelson de Moura Fé frente ao prédio da indústria e da prefeitura.³

A fotografia não capta o restante dos elementos próximos ao prédio da fábrica, pela lógica do espaço não teria como capturar de forma totalizadora, somente de ângulos separados para mostrar outros espaços, como a igreja e a quadra. De acordo com Charles Monteiro (2017, p. 81), no século XIX as fotografias das cidades expressavam o desejo de difundir as paisagens das ruas, dos prédios e das casas, evidenciando as grandes transformações urbanas dentro desses espaços. A fábrica de laticínios é o cartão postal da cidade de Campinas do Piauí. O interesse da sociedade pela salvaguarda do prédio desdobra-se sob o signo de lutas pelo direito a memória, haja vista que por muitas vezes foi preciso que a comunidade se engajasse na elaboração de projetos para que o prédio fosse levado a condição de patrimônio histórico nacional.

³ Disponível em: <https://www.oitomeia.com.br/cidades/2018/05/07/governo-realiza-estudo-para-implantar-internet-livre-em-campinas-do-piaui/>. Acesso em: 15 de março de 2021.

O ano de 1977 é marcado pelo início do processo de tombamento do prédio em âmbito federal, contudo, devido a um erro de digitação no documento, a cidade de Campinas do Piauí foi confundida com a cidade de mesmo nome localizada no Estado de São Paulo. Após o conhecimento do equívoco, tomado nos anos 2000, é que o processo de tombamento é retomado. Damos ênfase ao esforço de uma das moradas da cidade, chamada Maria do Socorro Alves Moura⁴, que enviou um ofício ao presidente do IPHAN, nesse mesmo ano, pedindo o tombamento do prédio, anexando ao documento um abaixo-assinado com 334 assinaturas dos habitantes da cidade. Em vista disso, o IPHAN retoma os estudos sobre a fábrica em Campinas do Piauí em 2008.

No ano de 2014, quando a fábrica é oficialmente tombada, percebemos através da documentação e do arsenal fotográfico que o prédio teve apenas uma simples reforma, maquiando assim, a estrutura do prédio que continuava em estado de deterioração: "Quando a gente entra lá, tem medo do salão desabar sobre a gente. Quando eu entrava lá sozinha, geralmente, saia chorando de pena de ver, porque não era pra estar desse jeito aí, era para ser um patrimônio histórico respeitado na cidade. Bonito!"⁵

⁴ Maria do Socorro Alves de Moura nasceu na localidade Canudos, que pertencia à cidade de Simplício Mendes, em 01 de março de 1939. Conhecida por Socorro Alves, é neta de um dos trabalhadores da fábrica. Foi professora no prédio da fábrica, quando passou a funcionar como escola, na década de 1980. Aposentou-se depois de 26 anos atuando como professora. Atualmente mora em Campinas, Piauí. Socorro Alves é uma das pessoas que lutam pelo projeto de restauração da fábrica.

⁵ MOURA, Maria do Socorro Alves. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 13 jun. 2016.

A fábrica de laticínios constitui um *lugar de memória* do qual Nora (1993, p.27) afirma ser representativo de aspectos simbólicos, material e funcional, nos quais a memória espontânea se fixa. Com isso, carregado de sentimento simbólico e de dimensões afetivas que fortificam os laços da coletividade, a cidade passa a ser o pano de fundo que condiciona a memória dos monumentos que ela carrega como sua marca identitária.

A seguir as figuras 2 e 3 representam uma fotografia e a outra uma pintura feita a mão, e por essa razão evocamos o conceito de enunciação pedestre para explicá-las. Michel de Certeau (1994, p.177) designa como o ato de andar pelas cidades, o que implica na escritura de percursos, itinerários e trajetórias, que se entrecruzam e se desintegram na medida em que alteram o espaço tempo urbano. É também denominada como texturologias pedestres, comparando-se aos chamados atos de fala, visto que é a forma de linguagem construída ao caminhar pela cidade. Em uma dessas caminhadas, Noeme Madeira Moura Fé⁶, quando adolescente, passando pela fábrica quis eternizar o que seus olhos capturaram em forma de desenho.

⁶ Noeme Madeira Moura Fé nasceu na cidade de Simplício Mendes (1928). Quando criança, estudava no internato do Maranhão, em suas viagens de férias do internato, passava pelo povoado de Campos. Em uma dessas oportunidades, desenhou a fábrica. Depois de adulta, Noemi voltou àquela localidade, que já tinha passado à condição de cidade (Campinas do Piauí) como professora, assim, lecionou para crianças e adultos, no próprio prédio da fábrica que funcionou como a primeira escola da cidade. As informações foram relatadas pela filha dela, Eliane Madeira Moura Fé.

Figura 2:



Figura 3:



Figura 2: Fotografia da lateral direita da fábrica de laticínios em Campinas-PI (foto sem data).⁷

Figura 3: Desenho da fábrica, produzido por Noeme Moura Fé (c.1928-1982).⁸

Observando a figura 3 podemos imaginar que, em sua passagem por Campinas do Piauí, quando ainda era o povoado Campos, Noeme olha deslumbrada para o prédio, de forma que quer guardar consigo aquela lembrança, para recordar sua visita ao lugar e recordar suas experiências e vivências no momento de sua visita. Anos mais tarde, depois de adulta, Noeme voltaria a cidade de Campinas do Piauí para lecionar na fábrica, quando o prédio passou por outras reutilizações, tornando-se uma escola na década de 1960, segundo os relatos da sua filha, Eliane Madeira Moura Fé, que disponibilizou o desenho e as informações sobre sua mãe.

Noeme desenhou a imagem do prédio com certo esforço de memorização, visto que a chaminé se encontra do lado contrário da fotografia original. Recriando assim, a imagem ao seu modo, de acordo com sua lembrança. Traçou a imagem com base na carga afetiva e identitária com a fábrica, apresentando sua memória através de uma representação ilustrativa em que mostrava a sua visão da fábrica, a forma em

⁷ Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ozildo Albano – Picos-PI.

⁸ Fonte: Acervo particular de Eliane Madeira Moura Fé, 2007.

que estava marcada em sua lembrança.

Não se sabe ao certo em que contexto Noeme Moura Fé desenhou a fábrica, o que a motivou, mas podemos presumir que o fato dela querer fazer o registro tenha sido com a finalidade de ter a lembrança guardada consigo daquilo que seus olhos capturaram e, assim, ter o prazer de olhar em outros momentos para aquela imagem. O sistema panóptico urbanístico carrega essa característica de familiaridade com a relação socioespacial da cidade.

Para Jacques Aumont (1995, p. 56), a imagem, seja ela nas formas de pintura, desenho, fotografia ou do cinema, remete a dois aspectos importantes para na sua capacidade de interpretação: o reconhecimento e a rememoração. Assim sendo, a imagem se apresenta numa dimensão simbólica da vida cotidiana, pois está impregnada nas maneiras de socializações realizadas no âmbito das convenções que “regem as relações interindividuais” (AUMONT, 1995, p. 57). Para tanto, o reconhecimento se dá quando um indivíduo ou um grupo se identifica com uma determinada imagem do real. Já o ato da rememoração, que está ligado ao reconhecimento, vincula-se ao caráter de expressar experiências, vivências e lembranças, aquilo que está contido na memória.

“Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história” (PESAVENTO, 2005, p. 04).

A cidade, permeada pela dimensão da sensibilidade, constitui um conjunto de

sentidos e significados dados ao mundo. A atribuição de valores, que se faz através desse aspecto sensível, contribui para a construção do imaginário da urbe, colocando em xeque a importância das representações dos atores sociais que compõem o cotidiano urbano, valorizando a percepção dos habitantes ou caminhantes da cidade no tocante a sua materialidade e seu tecido social, presente para se compreender a cidade por um outro ponto de vista que não só o viés econômico e social, mas também suas matrizes simbólicas e culturais.

Há uma relevante produção do IPHAN em forma de vídeo/documentário em que antigos trabalhadores da fábrica de laticínios se reúnem no prédio e contam seus relatos de experiências como operários na indústria, intitulado *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*. Faz parte também dessa memória coletiva, parentes desses trabalhadores, que contam seus relatos através dos seus pais, avós e tios, recorrendo aquilo Michael Pollak (1992, p.27) chama de memória herdada. Essa memória vivida por tabela é bastante recorrente entre o grupo social que domina essa memória. Já existem trabalhos acadêmicos que dão suporte ao arsenal de fontes orais referente a história da indústria de laticínios.

A fábrica de laticínios em Campinas do Piauí se insere como importante guia condutor da memória da cidade. Nesse texto foi visto, tanto através das fontes iconográficas como também de uma fonte oral, que o prédio que sediou a indústria impera importantes valores para os grupos sociais que tentam manter viva a memória da indústria. Campinas do Piauí estabelece essa relação de cidade-memória porque

abrange um monumento histórico em que sujeitos insistem em atribuir sentido e significado a um prédio que foi palco de dimensões sociais diversas, bem como as relações de poder, lutas pela memória e até mesmo a resistência a um esquecimento, que é ameaça constante no tratamento dado ao prédio. A fábrica torna-se, então, marco espacial e temporal da cidade, o cartão postal em que se coloca a fotografia da indústria a fim de convidar o visitante para conhecer o lugar de memória que conduz a memória urbana.

Referências :

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas: Papirus, 1995.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo. Editora Ática, 2003.

MONTEIRO, Charles. *Cidades: representações, experiências e memórias*/ Charles Monteiro, Francisco de Assis de Sousa Nascimento, Ricardo Arraes, Yvone Dias Avelino (org.). – São Paulo: Olho d' Água, 2017.

MOURA, Maria do Socorro Alves. *Depoimento concedido à Camila Carvalho Moura Fé*. Campinas, 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História: História e Cultura*. São Paulo, n. 10, p. 1-28, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. v.27, n.53. São Paulo, jan/jun, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v5, n. 10, p. 200-212, 1992.

A intertextualidade em *The French Lieutenant's Woman*

The intertextuality in *The French Lieutenant's Woman*

Gueise de Novaes Bergamaschine¹

The French Lieutenant's Woman foi publicada em 1969 no Reino Unido e é a terceira obra ficcional do escritor britânico John Fowles. Para efeito de simplificação, passaremos a mencioná-la usando apenas suas iniciais TFLW.

John Fowles nasceu em 31 de março de 1926 em Leigh-on-Sea, no condado de Essex, Inglaterra. Sua obra ficcional é marcada pela utilização dos gêneros literários de grande popularidade, como o thriller e o romance, para a abordagem de questões filosóficas e sociais complexas, como o papel social da mulher, a individualidade e a sexualidade. Antes de TFLW, John Fowles havia publicado *The Collector* (1963) e *The Magus* (1965), ambos bestsellers. Mas foi com a publicação de TFLW que ele passou a ser apontado como expoente de uma nova escrita pós-moderna:

After the publication of Fowles's third novel, *The French Lieutenant's Woman*, in 1969, critics called him the paradigm of a new postmodernist generation, audacious enough to acknowledge his debt to past literature by playing irreverent formal games with its most cherished conventions (STEPHENSON, 2007, p. 1).

No entanto, todo o prestígio alcançado por TFLW e conseqüentemente por Fowles, não se justifica pela análise da trama do romance que, à primeira vista,

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: gueise@uol.com.br

simplesmente reproduz a velha estrutura dos romances que narram os encontros e desencontros de um casal.

A história se passa em 1867/1869, exatamente um século antes do período de escrita e publicação do romance. Sarah Woodruff é uma mulher que vive à margem da sociedade, estigmatizada por um suposto relacionamento com Varguennes, um marinheiro francês que havia se instalado em Lyme Regis para se recuperar de um naufrágio. Conhecida como “tragedy” ou como “the French Lieutenant’s whore” ela é acolhida na casa de Mrs Pouteney, onde trabalha como dama de companhia.

Charles Smithson é um nobre que vive em Londres e está em Lyme Regis para se encontrar com a noiva, Ernestina. Ele é autor de alguns ensaios sobre viagens e se considera um cientista. É um entusiasta das ideias de Darwin e, interessado em paleontologia, passa seu tempo em Lyme à procura de fósseis.

O primeiro encontro entre os três é a cena que abre o romance. Ele acontece no Cobb, o quebra-mar da cidade, e a figura de Sarah, com os olhos fixos no mar, desperta a atenção de Charles. Seguem-se alguns encontros entre os dois, em que Charles, apaixonado e ciente da situação de Sarah, oferece-lhe ajuda. Sarah deixa Lyme em direção à Exeter, onde mais tarde os dois irão se reencontrar e fazer sexo em um quarto de hotel.

Após esse reencontro, Charles termina seu noivado com Ernestina e, de volta à Exeter, fica sabendo que Sarah havia deixado a cidade sem informar seu destino. Seguem-se anos de busca por Sarah até o reencontro entre os dois, que encerra o romance.

Acontece que, em TFLW, nada é exatamente o que parece. Como Charles (e o leitor) irá perceber, Sarah Woodruff não é exatamente “the French Lieutenant’s whore”. Assim também, todos nós percebemos que a história que de fato está sendo contada, vai muito além dos encontros e desencontros do casal.

Para William Stephenson, TFLW “was a love story, but also a meditation upon composition” (2007, p. 5). Nas palavras dele: “There are also sub-plots; digressions by the narrator; miniature essays on sexuality, evolution and religion; descriptive passages; dialogues; footnotes; formal experiments; extended quotations, and allusions” (STEPHENSON, 2007, p. 4).

Eillen Warburton, autora de *John Fowles: A Life in Two Words*, destaca o equívoco ao qual está sujeito o leitor. Para ela, o romance seria uma “first-person novel about the creative process, disguised as a third-person Victorian romance” (2004, p. 294 apud STEPHENSON, 2007, p. 5).

A recepção

A reação da crítica inglesa à TFLW foi apenas morna. Ou talvez, dúbia. Há um certo padrão nas primeiras análises críticas, que pode denotar alguma incompreensão da obra por parte de seus primeiros revisores. Eles apontam inúmeros problemas na obra de Fowles, para depois, no entanto, reconhecer-lhe algum mérito e até recomendar a sua leitura.

As vendas no Reino Unido acompanharam a crítica e foram decepcionantes. A pequena repercussão obtida fez com que Fowles registrasse em seu diário que o

romance havia afundado “like a stone in a rough sea” (FOWLES apud STEPHENSON, 2007, p. 80).

Lançado nos USA em novembro do mesmo ano, TFLW teria uma recepção bem diferente por lá. O posicionamento positivo da crítica somado a uma turnê de lançamento de três semanas, cumprida por Fowles nos USA, fizeram com que os prognósticos mais otimistas se realizassem. TFLW atingiu o primeiro lugar da lista de mais vendidos do The New York Times e permaneceu nela um ano após sua publicação.

Os artigos acadêmicos também não demoraram a aparecer. Grande parte deles destacava a validade da chave existencialista para a leitura da obra, ou apontava seu status de “romance histórico” e sua representação do período vitoriano. Com o amadurecimento da obra e o aparecimento de novas leituras, outros aspectos passaram a ser notados. Barry N. Olshem destacava, em artigo publicado em 1978, uma “tensão” entre ficção e realidade em TFLW (STEPHENSON, 2007, p. 82).

Mas é em 1980, com a publicação de John Fowles, uma obra inteira dedicada à vida e obra do autor britânico, que Robert Huffaker parece antecipar alguns aspectos da abordagem pós-modernista que se tem de TFLW atualmente. Para ele, a obra de Fowles permitiria “an original modern expansion upon older traditional forms”. “Written both admiringly and ironically” ela seria um “tribute to past techniques while gently spoofing them”. Com relação à apropriação de textos vitorianos em TFLW, Huffaker observa a mesma relação. Ela seria “not purely parody or pastiche, terms implying

some disrespect for the model; nor is such reworking simply imitation or emulation” (HUFFAKER apud STEPHENSON, 2007, p. 82).

Observe que, na década seguinte, uma formulação mais elaborada dessa relação ambígua que Huffaker aponta duplamente em TFLW, mas tem dificuldade de nomear, seria desenvolvida por especialistas em teoria literária, não só para definir e caracterizar a forma de apropriação do passado pela metaficção historiográfica, como também para tratar da relação entre pós-modernidade e modernidade. No nosso entendimento, é principalmente através da intertextualidade que TFLW deixa clara essa forma de apropriação do passado que, posteriormente, se tornou tão característica da metaficção historiográfica.

A intertextualidade

A intertextualidade é um aspecto marcante de TFLW e é possível pensar que ela esteja presente na obra em três níveis. Em primeiro lugar, em um nível macro de leitura, a obra talvez possa ser considerada um diálogo do autor com o existencialismo e com o darwinismo. De fato, o interesse do autor pelas ideias existencialistas é fartamente apontado pelos analistas não só em TFLW, mas em toda a obra de Fowles. Ele aparece também em suas obras não-ficcionais, como *The Ariostos* (1964). Para Stephenson, o interesse de Fowles pelo existencialismo “emerged from his Early encounters with the French existentialists Jean-Paul Sartre and Albert Camus, whose work he had read extensively as a young man” (2007, p. 8).

Para Stephenson “if *The French Lieutenant’s Woman* can be summed up in a sentence, it is a postmodernist development of the existencialist blueprint of Fowles

earlier novels” (2007, p. 7). Para ele, não só o tema, mas toda a estrutura do romance, incluindo seus múltiplos finais, refletiriam as ideias existencialistas:

the structure of the novel echoes its existentialist ideology. The endings and their order imply that existential freedom is always a choice, an ever-present alternative to social convention, and the continuous possibility of this choice cannot, or should not, allow conformist, dutiful behaviour to have the final say, or conclude anyone’s inner narrative. Instead, people must constantly choose between the straitjacket of society and their individual freedom, which can be terrifying and chaotic (STEPHENSON, 2007, p. 7).

Não há dúvida que a trama de Fowles, situada na Inglaterra Vitoriana, um período em que, de acordo com a nossa construção de passado, padrões rígidos governavam amor, religião e sexualidade, permitiu ao autor estabelecer um diálogo e um contraponto às ideias existencialistas.

Quanto ao pensamento darwinista, outro importante interlocutor de Fowles em TFLW, ele aparece na obra associado, principalmente, à personagem de Charles Smithson e às suas visitas ao Undercliff, um local de relevo íngreme e vegetação exuberante, localizado próximo à Lyme Regis. É nesse local que a personagem de Charles, diante de uma natureza vigorosa, parece se colocar em contato intenso com as ideias evolucionistas. Andando em meio ao que o autor diz se aproximar de uma selva, Charles se surpreende com a reação de uma raposa que cruza seu caminho. Logo depois, se depara com um veado que reage a ele da mesma forma, altivo, “with the same divine assumption of possession”, como se Charles “was the intruder”. Para o autor, a descoberta de Charles naquele momento seria a mesma de St Hubert representado em um quadro de Pisanello exposto na National Gallery: “The saint is shocked, almost as if the victim of a practical joke, all his arrogance dowsed by a

sudden drench of nature's profoundest secret: the universal parity of existence” (FOWLES, 2010, p. 239).

Mas é uma pequena ave que canta com estridência, que soa à Charles como o “Announcing Angel of evolution”:

It seemed to announce a far deeper and stranger reality than the pseudo-Linnaean one that Charles had sensed on the beach that earlier morning – perhaps nothing more original than a priority of existence over death, of the individual over species, of ecology over classification. We take such priorities for granted today; and we cannot imagine the hostile implications to Charles of the obscure message the wren was announcing. For it was less a profounder reality he seemed to see than universal chaos, looming behind the fragile structure of human order (FOWLES, 2010, p. 240).

O mundo em que Charles vive já é o mundo em que a boa nova do anjo, não é a anunciação do salvador, como colocada pelo cristianismo. A boa nova do anjo é a evolução. E esse mundo, essa nova ordem, muitas vezes parece hostil a Charles. Isso é mais um elemento de ligação entre ele e Sarah, que também se encontrava à margem da sociedade. Por sinal, é no Undercliff que acontecem os encontros entre os dois. A imagem de Sarah está ligada ao misterioso e ao selvagem. Para Stephenson “their [Charles e Sarah] kiss symbolizes the triumph of evolving existentialist chaos over static Victorian order” (2007, p. 37). Mas também pode ser tomado como o predomínio da liberdade humana sobre qualquer forma de determinismo. Dessa forma, através de personagens e lugares bastante identificados com o pensamento existencialista e evolucionista, Fowles simultaneamente desenrola sua trama e desenvolve uma interlocução com pensadores que ora lhes são contemporâneos, ora são contemporâneos de seus personagens.

Uma outra forma de intertextualidade apresentada pela obra aparece quando nos afastamos de suas ideias centrais e nos aproximamos do texto propriamente dito. Ela está representada pelos artistas, autores e pensadores citados no corpo do texto e com os quais o autor faz uma importante interlocução. O parágrafo abaixo parece representar com propriedade essa forma de intertextualidade:

I do not know. This story I am telling is all imagination. These characters I create never existed outside my own mind. If I have pretended until now to know my characters' minds and innermost thoughts, it is because I am writing in (just as I have assumed some of the vocabulary and 'voice' of) a convention universally accepted at a time of my story: that the novelist stands next to God. He may not know all, yet he tries to pretend that he does. But I live in the age of Alain Robbe-Grillet and Roland Barthes; if this is a novel, it cannot be a novel in the modern sense of the word (FOWLES, 2010, p. 95).

Ele abre justamente o capítulo 13 da obra, onde o autor busca, em aspectos de conteúdo e forma, uma aproximação com o tema da pós-modernidade. Nesse parágrafo o autor parece marcar algumas posições importantes e identificadas com uma poética pós-moderna: a aproximação entre arte e teoria pós-moderna, a desconfiança em relação a um relato fechado (expressa aqui através da desconfiança em relação a um narrador privilegiado) e principalmente a concomitante apropriação e subversão da estrutura do romance moderno.

Nos aproximando ainda mais do corpo do texto de Fowles, chegamos ao que identificamos como uma terceira forma de intertextualidade presente em sua obra: as epígrafes. São oitenta epígrafes distribuídas ao longo dos sessenta e um capítulos da obra, em sua grande maioria, escritas por autores ingleses no século XIX. Elas desempenham um papel importante no texto de Fowles à medida que há grande

interação entre essas partes. Em determinado momento da trama, um personagem ficcional interage diretamente com um texto de uma das epígrafes. Para Stephenson “epigraphs such as this do not stand outside the action of the novel; they form part of an integrated system of commentaries on the plot, and give prompts to the reader, just as they might in a Victorian novel” (2007, p. 59).

No entanto, da mesma forma que a estrutura do romance vitoriano é, ao mesmo tempo, apropriada e subvertida por Fowles, também as epígrafes o são. Elas muitas vezes apresentam um contraponto às ideias apresentadas pelos personagens da trama, o que permite e sugere que o leitor tome sua posição. Ou seja “The French Lieutenant’s Woman’s citations of its Victorian sources are re-enactments rather than references: they form part of an extended, and often self-contradictory, pattern of performances by the narrator” (STEPHENSON, 2007, p. 63)

Conclusão

A forma de apropriação do passado que alguns analistas identificaram na obra TFLW de John Fowles publicada em 1969 foi, na década de oitenta, apontada como uma das características da metaficção historiográfica. Em nosso entendimento, essa forma de incorporação e subversão de elementos da modernidade que caracteriza a forma irônica de apropriação do passado que marca a pós-modernidade, está presente, na obra de Fowles, através da intertextualidade. Através da utilização de epígrafes que muitas vezes oferecem um contraponto às ideias desenvolvidas no texto, o autor permite que o leitor as questione, levando talvez a uma reflexão em torno da construção de passado que se tem do período vitoriano.

Referências

FOWLES, John. *The French Lieutenant's Woman*. London: Vintage, 2010.

STEPHENSON, William. *Fowles's The French Lieutenant's Woman*. London: Continuum, 2007.

Literatura para infância e autoritarismo. As versões fascistas de Pinóquio

Children's literature and authoritarianism. Fascism versions of Pinocchio.

Heloisa Sousa Pinto Netto¹

O fascismo italiano foi um fenômeno autoritário, sectário, que se ancorou em violência social e que contou em geral com a participação consciente de seus adeptos, encontrando na juventude um receptáculo fértil². O processo de arregimentação ao regime foi deveras eficiente ao ponto de fazer com que seus apoiadores se sentissem plenamente representados e inseridos numa nova lógica de explicação para o mundo. Uma explicação de vertente mítica e sacrificial, sustentada no poder de um líder carismático³, para a qual as noções de pátria e nação, de renascimento e regeneração foram fundamentais⁴.

¹ Mestre e Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com bolsa CAPES; bacharelada em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: heloisaspnetto@gmail.com

² Conforme Donald Sassoon, a ascensão fascista na Itália teve nos estudantes colegiais e universitários a sua principal fonte de apoio. Os militantes eram de maioria esmagadora do sexo masculino, sendo que “apreciavam as atividades de cunho militar, a solidariedade e o companheirismo machista, assim como os flertes com a ideia de martírio”. In Mussolini e a ascensão do fascismo. Tradução de Clóvis Marques. RJ: Ed. Agir, 2009, p. 107-108.

³ Segundo Max Weber (apud Sassoon, p. 29), o líder carismático é “uma personalidade individual, em virtude da qual ele é considerado extraordinário e tratado como sendo dotado de poderes ou qualidade sobrenaturais, sobre-humanas ou pelo menos especificamente excepcionais”.

⁴ Roger Griffin (p.56) se refere ao processo de renovação perpetrado pelo regime fascista como “mito palingenético” (de palingênese: palin-novamente e gênese-criação, nascimento).

Os mecanismos utilizados pelo Estado para a afirmação de seu projeto de controle da sociedade focaram fundamentalmente no controle do pensamento e do comportamento realizado por meio de forte apelo emocional. Considerada um vetor eficiente para a solidificação e reprodução da ideologia fascista, a educação se tornou um importante campo de disputa o que fez com que o governo encabeçado por Benito Mussolini agisse rapidamente de modo a aparelhar o sistema educacional tendo em vista induzir o pensamento simbólico fascista no âmbito escolar. O regime mussoliniano buscou efetivar tal controle através da instituição de novas reformas, as quais introduziram novas práticas educacionais que não se restringiram ao campo intelectual – o estímulo à disciplina e o culto à saúde do corpo foram componentes basilares da educação fascista: o novo homem forjado pelo fascismo deveria ser forte, saudável e apto para lutar pela pátria⁵.

O processo de fascistização⁶ da sociedade foi configurado a partir de diferentes estratégias, a rigor baseadas em manipulação, persuasão e

⁵ Em 1926 o governo de Mussolini instituiu a Opera Nazionale Balilla (ONB), cuja organização passou a reger a educação fascista. O juramento proferido pelas crianças e jovens no momento do ingresso no Programa traduz bem o espírito sacrificial e o culto ao Duce: “Nel nome di Dio e dell’Italia giuro di eseguire gli ordini del duce e di servire con tutte le mie forze e, se necessario con il mio sangue, la causa della rivoluzione fascista” [Em nome de Deus e da Itália juro seguir as ordens do Duce e servir com todas minhas forças e, se necessário com meu sangue, a causa da revolução fascista – tradução minha]

⁶ Fascistizzazione: “azione o effetto del fascistizzare” [fascistização: “ação ou efeito de fascistizar” – tradução minha] (Dizionario Treccani, disponível em <https://www.treccani.it/vocabolario/fascistizzazione>) acesso em 1 novembro 2021

Fascistizzare: “rendere fascista, conformare all’ideologia e ai metodi fascisti” [fascistizar: “tornar fascista, moldar conforme a ideologia e os métodos fascistas” – tradução minha] (Dizionario

propaganda. A manipulação, espécie velada de exercício de poder, a persuasão, uma espécie explícita deste, articulada no sentido de obter o consentimento voluntário e consciente daquele a qual se dirige, recorrendo por vezes a artifícios que se prestam à distorção da informação (Stoppino, 1998, p.727), mais a propaganda, isto é, o esforço consciente e sistemático exercido com o sentido de influenciar opiniões e ações de determinado público ou sociedade (Sani, 1998, p. 1018), encontraram nas ferramentas educativas, na literatura para infância em geral, e nos livros escolares mais especificamente, um canal eficaz para alimentar a nova ideologia.

O projeto educacional se constituiu em dispositivo de dominação e veículo de reprodução do Estado, objetivado por meio de artifícios de convencimento que buscavam se adequar ao público ao qual se destinavam, as crianças, de forma a permitir que as mensagens fossem compreendidas e aceitas. Parte importante do instrumental mobilizado para a construção do ideário fascista se organizou no campo da linguagem, do discurso e da narrativa. Os espaços da infância foram tomados e em torno das crianças italianas foi sendo construído um rígido aparato de doutrinação. Anna Ascenzi e Roberto Sani⁷ (2009, p. 33) lembram que a proposta dos livros educativos durante o fascismo se organizava a partir da retórica militarista das paradas e cerimônias oficiais, com suas

Garzanti, disponível em <https://www.garzantilinguistica.it/ricerca/?q=fascistizzare>)” acesso em 1 de novembro 2021

⁷ Il libro per la scuola nel ventennio fascista. La normativa sui libri di testo dalla Riforma Gentile alla fine della Seconda Guerra Mondiale (1923-1945). Macerata: Edizioni Alfabetica, 2009.

palavras de ordem e de exaltação aos feitos do regime, e do apelo a uma série de valores e modelos tradicionais (culto à pátria, religião, família – a de Mussolini representando o modelo ideal – o respeito à autoridade, a importância central do trabalho).

Quatro livros para a infância que circularam na Itália durante o período fascista com intuito de arregimentação de crianças ao regime recorreram ao famoso boneco Pinóquio como protagonista. Os livros *Avventure e spedizioni punitive di Pinocchio fascista*, *Pinocchio fra i balilla*, *Pinocchio istruttore del Negus* e *Viaggio di Pinocchio*⁸ fazem parte de uma série atualmente convencionada como *pinocchiate*, isto é, o vasto conjunto de enredos breves que fizeram uma releitura da obra *Pinóquio* (1883) e que foram publicados na Itália após a morte de seu autor, o jornalista e escritor Carlo Lorenzini, mais conhecido por Carlo Collodi (1846-1890). As *pinocchiate* fascistas foram produzidas com o intuito de alcançar as crianças em idade escolar, em particular as do sexo masculino, tendo em vista à formação de um contingente de verdadeiros *balilla*, os meninos entre 8 e 15 anos treinados segundo os preceitos da disciplina fascista. O objetivo das publicações era condicionar os pequenos italianos de

⁸As quatro aventuras fascistas do boneco Pinóquio ganharam nova publicação em livro em 2008 pela editora Nerosubianco, de Cuneo. O livro *Pinocchio in camicia nera. Quattro "pinocchiate" fasciste* (Pinóquio com camisa negra. Quatro "pinocchiate" fascistas) foi organizado por Luciano Curreri, que o complementou com acurado aparato crítico e bibliográfico. Não há tradução para o português do livro ou de qualquer das *pinocchiate* que o compõem até o momento, o trabalho tradutório dos quatro textos é tema de meu estágio de pós-doutoramento em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (2020-22)

modo que vissem a si próprios como representantes de uma cruzada épica em favor da reconstrução do país nos moldes fascistas. A forma como a propaganda do regime fascista é inserida nas narrativas que adotam o boneco Pinóquio como protagonista é surpreendente, em particular em passagens nas quais a violência é naturalizada e o inimigo aniquilado. Ainda que determinadas características da índole de Pinóquio, tais como sua irreverência e seu ímpeto pela desordem, não se encaixem por suposição em um perfil imaginado para um protagonista fascista, sua redenção é usada como ferramenta de convencimento. E a enorme popularidade do simpático boneco de Collodi parece ter sido suficiente para garantir a palatabilidade das versões avalizadas pelo regime mussoliniano.

Os livros *Avventure e spedizioni punitive di Pinocchio fascista* e *Pinocchio fra i balilla* dizem respeito aos acontecimentos políticos e sociais do período inicial do governo fascista. Entre os temas preferidos desenvolvidos nos enredos estava a luta contra o grande inimigo, o comunismo. O livro *Avventure e spedizioni punitive di Pinocchio fascista* narra as ações do boneco, que vive com o pai adotivo, um sapateiro patriota e ex-combatente nas Guerras de Independência, tendo em mente a obtenção da carteirinha de fascista. Em sua primeira ação ele impede a publicação de um periódico comunista roubando as provas de impressão da gráfica responsável e na segunda ele sai à caça de comunistas levando nas mãos vidros de óleo de rícino e de malva. As continuações de Pinóquio ligadas ao fascismo também estimulavam as crianças

para que se tornassem verdadeiros balilla⁹. A trama de Pinocchio fra i balilla tem início com as estripulias que mantém o boneco longe da escola e da disciplina fascista. A empolgação e o orgulho de um amigo balilla levam Pinóquio a refletir sobre a possibilidade de se tornar ele também um jovem adepto ao regime. A distribuição de chocolate e o acesso gratuito ao cinema estão entre os recursos utilizados pelo companheiro para o convencimento de Pinóquio.

As conquistas na África estiveram presentes nas continuações fascistas através de Pinocchio istruttore del Negus, de 1939. Pinóquio, um auxiliar de confeitaria, após ter derramado sobre si um caldeirão de chocolate sai correndo em disparada enquanto seu patrão o chama, aos gritos, de abissínio, por causa da coloração que tomou. Um inglês que vê a cena se impressiona com a aptidão do boneco para corrida e, acreditando que Pinóquio vem do país africano, acaba por levá-lo a Abissínia para treinar os soldados daquele país, então aliado da Inglaterra, para que superassem o exército italiano. No fim Pinóquio é localizado e salvo por um avião italiano após ter chamado a atenção agitando com ímpeto a bandeira tricolor. Viaggio di Pinocchio se insere no contexto da última tentativa do fascismo de refundação da pátria, a República de Salò¹⁰, e não faltam menções ao herói nacional Giuseppe Garibaldi. No decorrer de suas aventuras e infortúnios, Pinóquio se depara com soldados que estão abandonando a luta

⁹ É importante salientar que a literatura para infância é atravessada por questões de gênero, sendo comum a diferenciação entre enredos para meninas e para meninos. No caso das pinocchiate isto é relevante: os enredos são dirigidos especificamente aos meninos fascistas.

¹⁰ República de Salò ou República Social Italiana, “estado” governado por Mussolini entre 1943 e 1945. Salò é um município na região de Brescia, na Lombardia.

fascista, aos quais tece críticas contundentes. É o enredo mais próximo do original, tanto em relação aos acontecimentos quanto por retomar personagens criados por Collodi.

A capa do primeiro livro mostra um Pinóquio que não esconde o sorriso enquanto enfia goela abaixo do barbudo comunista um vidro de óleo de rícino. A camisa negra dos fascistas e um arremedo de cassetete compõem o visual do boneco. A segunda capa demonstra o orgulho que o boneco sente por ser um balilla, a terceira mostra Pinóquio chutando Negus¹¹ e na última Pinóquio aparece sendo levado para a prisão.



Mesmo que sua condição seja, por vezes, subestimada, a literatura para infância pode ser considerada um potencial material para a produção de conhecimento histórico por oferecer indícios sobre os parâmetros vigentes nas

¹¹ Negus: título real na Abissínia, hoje Etiópia.

¹² Na ordem em que imagens aparecem: disponível em https://www.researchgate.net/figure/Pinocchio-fascista-Petra1923_fig3_335292737 ; disponível em <http://ilkim.it/pinocchiate-fasciste/> ; disponível em <http://www.raiscuola.rai.it/gallery-refresh/ilmito-di-pinocchio/879/4/default.aspx#header> ; disponível em <http://www.raiscuola.rai.it/gallery-refresh/ilmito-di-pinocchio/879/4/default.aspx#header> acesso em outubro 2019

sociedades em que circulam, especialmente porque transita entre os setores público, isto é, a escola, e privado, a família. Examinar a literatura para infância através de lente histórico-política, tomando como critério de análise períodos cujos regimes autoritários a utilizaram como meio de propagação de suas ideias, permite refletir não só sobre o próprio contexto, mas também sobre o quanto práticas conservadoras e excludentes podem interferir na formação escolar e no caráter dos cidadãos vindouros e na sua futura compreensão de mundo e das relações sociais.

Referências

ASCENZI, Anna; SANI, Roberto. *Il libro per la scuola nel ventennio fascista. La normativa sui libri di testo dalla Riforma Gentile alla fine della Seconda Guerra Mondiale (1923-1945)*. Macerata: Edizioni Alfabetica, 2009

GRIFFIN, Roger. *The nature of fascism*. New York: Routledge, 1991

SANI, Giacomo. In: BOBBIO, N; MATTEUCCI N.; Pasquino G. *Dicionário de política*. Vol. 1, 11ª edição, Editora UNB, 1998, p. 933-942. Disponível em https://www.academia.edu/32618751/dicionario_de_politica_BOBBIO_Norberto_MATTEUCCI_Nicola_PASQUINO_Gianfranco_pdf acesso em 20 outubro 2021

SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009

STOPPINO, Mario In: BOBBIO, N; MATTEUCCI N.; Pasquino G. *Dicionário de política*. Vol. 1, 11ª edição, Editora UNB, 1998, p. 933-942. Disponível em https://www.academia.edu/32618751/dicionario_de_politica_BOBBIO_Norberto_MATTEUCCI_Nicola_PASQUINO_Gianfranco_pdf acesso em 20 outubro 2021

Representações do movimento estudantil mexicano e do Massacre de Tlatelolco no romance *Ayer es nunca jamás* (1988) de Vilma Fuentes

Representations of the mexican student movement and the Tlatelolco Massacre in Vilma Fuentes' novel *Ayer es nunca jamás* (1988)

Mariana Lopes Trindade¹

Os anos 1960 foram marcados por diversas manifestações políticas e culturais ao redor do globo, protagonizadas principalmente pela juventude, tendo seu epicentro no emblemático ano de 1968. Dentro deste contexto, inclui-se o caso mexicano, marcado por manifestações estudantis contra o governo de Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970) e que clamavam por reforma universitária. As manifestações estudantis foram desde cedo brutalmente reprimidas pelo governo, sendo o Massacre de Tlatelolco o auge da repressão.

As reivindicações estudantis mexicanas (KURI, 2003) tiveram início em julho de 1968, com manifestações que clamavam por reforma universitária junto a maior autonomia por parte das universidades e que se opunham ao extenso, autoritário e fraudulento governo PRI (Partido Revolucionário Institucional) (FOURNIER; HERRERA, 2008) e à violência empregada pelo corpo policial da Cidade do México contra os universitários. O primeiro embate entre estudantes e forças governamentais ocorreu no dia 26 de julho de 1968, quando cinco mil estudantes secundaristas

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: marianalt2012@hotmail.com

marcharam rumo à *Plaza de la Constitución*, se unindo a um grupo de universitários comunistas que comemoravam o aniversário do assalto ao Quartel Moncada em 1953, um acontecimento marcante na história da Revolução Cubana, quando foram emboscados e reprimidos pelos *granaderos*, havendo expressivo número de estudantes presos e feridos e alguns mortos. No mesmo mês, forças policiais fecharam instituições relacionadas à *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM) no Distrito Federal e bombardearam a escola preparatória de San Ildefonso, em um ato conhecido como *Bazukazo*. Em 1º de agosto o presidente fez um discurso com ares de reconciliação em que oferecia “a mão estendida” (SMITH, 2015), mas tal gesto foi rechaçado pelo movimento estudantil. Seguiu-se então diversas mobilizações populares.

Já em setembro do mesmo ano, houve uma modificação no discurso presidencial, que passou a acusar os manifestantes de conspirar contra a pátria, o que levou à invasão e fechamento da Cidade Universitária por parte do Exército, com a prisão de inúmeros estudantes e professores, o que causou grande comoção dentro do movimento estudantil, levando a uma nova onda de protestos. Tais protestos foram atendidos e no dia 30 de setembro as tropas militares se retiraram da universidade, levando à convocação de nova manifestação estudantil na expectativa de que o governo ouvisse e atendesse as demandas estudantis, marcada para o dia 02 de outubro, 10 dias antes da abertura dos Jogos Olímpicos de 1968 (RIBERTI, 2013). É importante lembrarmos que havia uma pretensa modernização do estado mexicano

(HAMNETT, 2013), cujo apogeu seria expresso nas Olimpíadas de 1968 e na Copa do Mundo de 1970, vitrines do regime de Díaz Ordaz para o resto do mundo.

No dia 02 de outubro de 1968, milhares de pessoas ocupavam a Praça de Tlatelolco, também conhecida como Praça das Três Culturas, quando um helicóptero do Exército sobrevoou a praça, efetuando disparos, ao mesmo tempo em que atiradores posicionados também atiravam. Por fim, um tanque de guerra avançou contra os manifestantes que ainda resistiam. Tal acontecimento, conhecido como Massacre de Tlatelolco, foi responsável por causar um intenso trauma na sociedade mexicana, agravado pelo fato de que o governo seguiu impune e sequer reconheceu todas as vítimas do massacre, assumindo a autoria de 40 mortes, enquanto os números reais chegam à casa dos 400 mortos (MELO, 2017). Além do enorme número de vítimas fatais, havia muitos presos e desaparecidos e a imposição da censura à imprensa mexicana a qualquer menção ao Massacre.

Durante os intensos acontecimentos de 1968, a escritora mexicana Vilma Fuentes (1949-) trabalhava na escrita de um romance, que só veio a ser publicado em 1988 durante seu exílio em Paris, sendo parte de um terceiro momento da dita Literatura de 68 (MEDINA, 1995), em que havia predomínio de obras de autoria feminina, com enfoque nas experiências subjetivas de mulheres que experienciaram as manifestações de 68 (MEDINA, 1995). O romance *Ayer es nunca jamás* (1988) é narrado pela protagonista, uma estudante da UNAM cujo nome não é revelado em nenhum momento da trama. Apaixonada por Daniel, também estudante de filosofia na UNAM e figura ativa no movimento estudantil, a protagonista passa a se aproximar de

diversas figuras militantes que possuíam amizade com ele, ao mesmo tempo em que nunca está plenamente inserida nessa militância em decorrência de sua gravidez. A narração dos acontecimentos entre julho e outubro de 1968 são em parte baseados em acontecimentos que ela vivenciou com certa distância na UNAM, pois sua gravidez limitava sua participação, e são também baseados em relatos de Daniel e seus amigos, quando se tratavam de acontecimentos em que ela estava ausente, como por exemplo o 02 de outubro. Apesar de não estar presencialmente em Tlatelolco no dia do Massacre, a protagonista ainda assim se coloca como uma sobrevivente, pois entende que o trauma do atentado perpetrado pelo governo atingiu toda a juventude, uma vez que aquilo representava a morte da esperança, do desejo de transformação social e da confiança no governo mexicano.

No romance de Fuentes, o *Bazukazo* foi visto pelos estudantes da UNAM como um acontecimento inédito, gerador de revolta e cólera, o que prontamente foi entendido por alguns setores como o início de uma inevitável revolução. A revolução que esse acontecimento desencadearia, de acordo com os professores e os estudantes, seria uma revolução com r minúsculo, em contraposição a Revolução Mexicana, escrita com letra maiúscula e com o significado esvaziado por políticos que a instrumentalizavam e apagavam sua dimensão popular de luta.

A participação feminina junto ao movimento estudantil de 68 no romance é sintetizada principalmente na figura de Sara, uma jovem que era alvo de deboches quando ingressou na universidade por ser considerada a personificação da pequena burguesia, mas que rompeu com o estereótipo de jovem católica de classe média alta

ao começar a namorar com o jovem maoísta Cirilo. Para a protagonista do romance, Sara havia se convertido em uma sombra de Cirilo e sua adesão ao maoísmo era nada mais do que uma forma de adoração a ele e a substituição da doutrina conservadora e cristã de seus pais, que rechaçava o sexo e o desejo, por uma ideologia menos opressora. De acordo com Pech e Romero (2013), a participação feminina no movimento estudantil mexicano ocorreu de maneira concomitante com a luta pela emancipação feminina, sendo então uma forma das mulheres experimentarem maior liberdade sexual e política. Contudo, é comum na historiografia do movimento estudantil de 68 uma limitação da participação feminina na condição exclusiva de namoradas e amantes, enquanto o aspecto revolucionário se concentra exclusivamente nas figuras masculinas.

Os primeiros momentos de manifestação estudantil, de acordo com a narradora-protagonista do romance, foram marcados pela crença de ser impossível que o governo prendesse ou matasse todos os estudantes, uma vez que eram numerosos. Além disso, era comum circular entre os jovens a frase *“denme un muerto y hago la revolución”* (FUENTES, 2003, p. 32). A morte de Dragón, o primeiro dos estudantes a ser assassinado pela repressão policial no romance, foi encarada como um sacrifício que o elevaria ao posto de herói, com seu cadáver servindo de palanque político. Contudo, como a própria protagonista narra, *“Muy pronto su cuerpo sería enterrado bajo otras decenas de cuerpos, los cuales habrían de sepultar con su desamparado anonimato cualquier leyenda personal.”* (FUENTES, 2003, p. 33) Sobre a questão do heroísmo como tônica de participação no movimento estudantil, Cohen

e Frazier (2003) defendem que a forte inspiração no projeto de Novo Homem guevarista² e a maior parte das prisões terem sido de indivíduos do sexo masculino fez com que houvesse uma associação entre a participação masculina e a condição de heroísmo.

Encaminhando para a narrativa do Massacre de Tlatelolco no romance, é descrito que haveria um comício em Tlatelolco. O caráter atípico e trágico que aquela manifestação teria é construído por meio de pequenos acontecimentos que soam quase premonitórios: a protagonista, que estava com Daniel, começou a se sentir enjoada. Esse enjoo fez com que ela voltasse para casa, enquanto Daniel seguia rumo a Tlatelolco. Assim que se separaram, se recuperou dos enjoos. Outro presságio foi o atraso do ônibus, seguido por conversas no ponto de ônibus de que uma manifestação estava ocorrendo naquele momento. Ao chegar em casa, ouvia sirenes de polícia e de ambulância, mas imaginou que não fosse nada anormal, talvez um ônibus incendiado. Por fim, os últimos augúrios foram o atraso de Daniel, o silêncio denso que pesava pela Cidade do México e a visita inesperada de sua cunhada, que nunca viu com bons olhos seu casamento com Daniel. Martha, sua cunhada, estava ali para perguntar onde estava Daniel e foi ela a portadora das notícias do que ocorreu naquele entardecer em Tlatelolco.

A reação da protagonista ao receber a notícia do Massacre é de incredulidade e negação, a princípio pensou que se tratava da típica repressão dos *granaderos*, ao

² O Homem Novo, para Che Guevara, consistiria em um homem com consciência coletiva, senso de justiça e valores socialistas plenamente desenvolvidos, mais preocupado com o bem comum e com a construção do socialismo do que com individualismo.

que foi informada de que era o exército quem protagonizou o ataque e que havia atiradores mirando diretamente nos manifestantes, causando centenas de mortes. Por fim, após certo tempo, Daniel regressou com a camisa salpicada de sangue e sorrindo. Ao ser perguntado sobre o que aconteceu, respondeu que estava entregando traduções, sem fazer nenhuma menção ao Massacre e sem demonstrar nenhum sinal em seu rosto do que havia acontecido. Foi somente ao ser perguntado de o porquê de sua camisa estar manchada de sangue que a memória traumática do Massacre veio à tona:

—No entiendo cómo pude mancharme —comenzó a decir al mismo tiempo que su memoria se abría sobre esos recuerdos recientes, como esas pesadillas que creímos borrar al despertar y cuyas imágenes nos asaltan, de repente, a media tarde, sólo para hacernos dudar de su pertenencia al mundo de los sueños, como si su sustancia poseyera el mismo espesor de la realidad. Vi esculpirse en sus rasgos el mido de los disparos, el miedo, la violencia, la carrera y el horror. (FUENTES, 2003, p. 82)

A dimensão fragmentária do trauma é explicada por LaCapra (2009) como algo que interrompe as ligações com o passado de forma tão brutal e abrupta que gera perturbações na autoimagem, seja do sujeito ou da civilização ocidental, por exemplo. No trecho abaixo, há uma representação no romance de como a memória traumática possui esse caráter difuso e fragmentário:

Sólo algunas imágenes de la pesadilla volvieron a su memoria esa noche. Otras no volverían sino años después, cuando las primeras habían sido enterradas bajo el polvo del cual se van llenando los rincones que preferimos no tocar. El olvido devoró para siempre esas dos horas de carrera en un laberinto cuyos corredores pertenecen a la muerte y, como ella, carecen de memoria. (FUENTES, 2003, p. 83)

A noite de sono após o Massacre é descrita pela protagonista como um esquecimento seguido de alívio, pois ali a vítima não é constantemente perseguida pelo luto. Contudo, ao acordar, o peso do acontecido era esmagador e seguido da consciência que nem o passar dos anos seria capaz de afastar aquele sentimento. A sensação de que ela mesma e todos os seus amigos haviam morrido em Tlatelolco é narrada pela protagonista com as seguintes palavras, “«Nos mataron», pensé. «Nos mataron a nosotros, a Luis, a Daniel y a mí.» Sí: nos habían tocado directamente. Ya no eran los otros, los desconocidos, los muertos. Éramos nosotros. Nos habían asesinado los sueños. Nos habían asesinado.” (FUENTES, 2003, p. 86)

Aos sobreviventes do Massacre, “*Se volvió una obsesión reconstruir lo sucedido y, en el laberinto donde nos movíamos, todos los caminos llevaban a la muerte. La necrofilia pobló, noche tras noche, el fin de esas veladas cuyo luto se nos hizo un vicio.*” (FUENTES, 2003, p. 87), ou seja, a tentativa de processar o luto se transformou em uma obsessão, onde os sobreviventes reconstruíam mentalmente o ocorrido numa tentativa patológica de sublimação.

A ausência de responsabilização do Estado mexicano e do reconhecimento da autoria no assassinato dos estudantes é um elemento importante na configuração do trauma dos sobreviventes. A falta de um fechamento apropriado, com a justa condenação dos culpados e o reconhecimento do nome das vítimas era de fundamental importância para que o processo de luto pudesse ser conduzido adequadamente. A impunidade dos governantes mexicanos, ainda que fosse evidente o desaparecimento de um grande número de estudantes, foi responsável por agravar

o adoecimento psíquico daqueles jovens, que ao analisarem a história mexicana perceberam que já era de longa data os casos de violência governamental contra grupos sociais e que na grande maioria dos casos não havia engajamento da sociedade civil para a devida responsabilização e julgamento dos culpados.

A tendência da sociedade de não reconhecer que ocorreu um morticínio obrigava os sobreviventes a seguirem em frente. O esquecimento não era uma opção, mas à medida que o tempo passava as memórias pareciam cada vez mais distantes, tendo a cólera e a desesperança se convertido em cinismo, numa imposição feita por aqueles que infligiram o trauma. A violência estatal aparece então em uma chave dupla, sendo a violência do dia 02 de outubro e a violência nos dias seguintes, em que os sobreviventes não só não recebiam justiça, como deveriam passar por cima do próprio trauma e do próprio luto. Judith Butler (2019, p. 43) ao teorizar sobre o luto e quais vidas são vistas como passíveis e dignas dele rompe com o senso comum de que o luto é privado e, portanto, despolitizante. Para ela,

[...] o luto fornece um senso de comunidade política de ordem complexa, primeiramente ao trazer à tona os laços relacionais que têm implicações para teorizar a dependência fundamental e a responsabilidade ética. Se meu destino não é, nem o começo, nem no fim, separável do seu, então o “nós” é atravessado por uma relacionalidade que não podemos facilmente argumentar contra [...] O que o luto exhibe, ao contrário, é a servidão na qual nossas relações com os outros nos mantêm [...]

Com isso, a partir do momento em que o governo mexicano não assumiu a autoria do Massacre nem informou a quantidade de mortos ou o que de fato ocorreu com os desaparecidos, não houve a possibilidade de ocorrer o processo de luto,

enfraquecendo então o senso de comunidade política e a própria alteridade de se perceber no Outro.

Em síntese, no romance *Ayer es nunca jamás*, o movimento estudantil mexicano é representado como constituído majoritariamente por uma classe média que se sentia segura pelo local social que ocupava, fortemente influenciada por debates sociais e culturais da época, como o da reformulação dos papéis de gênero. Há também no romance uma forte unidade entre essa juventude, que se sente vitimada pelos acontecimentos de 02 de outubro de 1968 mesmo que não estivesse em Tlatelolco no momento do Massacre, uma vez que o evento é representado como um trauma no imaginário coletivo, profundamente marcado pela impunidade do governo de Díaz Ordaz, que, em nome do projeto de permanência do PRI no poder não reconheceu todas as mortes ocorridas em Tlatelolco, nem foi capaz de oferecer alguma forma de reparação para as vítimas e sobreviventes.

Referências

BUTLER, Judith. Violência, luto e política. In: BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 39-72.

COHEN, Deborah; FRAZIER, Lessie Jo. Defining the Space of Mexico '68: Heroic Masculinity in the Prison and "Women" in the Streets. *Hispanic American Historical Review*, Durham, v. 83, n. 4, p. 617-660, nov. 2003.

FOURNIER, Patricia; HERRERA, Jorge Martínez. "México 1968": entre as presepadas olímpicas, a repressão governamental e o genocídio. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; ZARANKIN, Andrés; REIS, José Alberioni dos. *Arqueologia da repressão e da resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960/1980)*. São Paulo: FAPESP, 2008. p. 49-81.

FUENTES, Vilma. *Ayer es nunca jamás/ Gloria*. México: CONACULTA, 2003.

HAMNETT, Brian. *Historia de México*. 2. ed. atual. Madri: Akal, 2013.

KURI, Ariel Rodríguez. Los primeros días: una explicación de los orígenes inmediatos del movimiento estudiantil de 1968. *Historia Mexicana*, Colegio de México, v. 53, n. 1, p. 179-228, 2003.

LACAPRA, Dominick. *Historia y memoria después de Auschwitz*. Buenos Aires: Prometeo Libros. 1ª ed., 2009.

MEDINA, Rubén. "Ayer es nunca jamás": Continuidad y ruptura en la narrativa mexicana del '68. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima, ano 21, n. 42, p. 207-218, 1995.

MELO, Roberta Madeira de. *Terrorismo de Estado no México em 1968: do Massacre de Tlatelolco à luta por verdade, memória e justiça*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PECH, Alessa; ROMERO, Osvaldo. El olvido de las mujeres asesinadas en el movimiento estudiantil de 1968 en México. *Vita Brevis*, Cidade do México, ano 2, n. 3, p. 126-144, jan./dez. 2013.

RIBERTI, Larissa Jacheta. La noche de Tlatelolco: literatura de testemunho, construção narrativa e representação do movimento estudantil mexicano de 1968. *Revista Contemporânea: Dossiê de História e Literatura*, [s. l.], v. 2, n. 4, 2013.

SMITH, Peter H. México, 1946-c.1990. *In*: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. v. IX, cap. 2, p. 111-194.

Experiência no Estágio Supervisionado III na Escola do Ensino Médio

Maria do Carmo Bezerra na Cidade de Acarape¹

Tedse Silva Soares da Gama²

Introdução

Esse trabalho visa apontar diferentes etapas do Estágio Supervisionado III realizado na Escola do Ensino Médio Maria do Carmo Bezerra. O Estágio faz parte do componente curricular para os discentes de Licenciatura na última fase do curso. Comecei o Estágio Supervisionado III no dia 10 de maio de 2019, uma visita denominada primeiros olhares, que tem como objetivo conhecer Escola, sua localização, seu Programa Político Pedagógico, regimento, estrutura etc. Na primeira fase (observação) realizei uma visita à escola, de salientar que a mesma não teve caráter diferencial por se tratar de um lugar no qual já havia feito um trabalho. Foi um reencontro com o estabelecimento escolar, lembrando que cada momento tem suas impressões, o que de certa forma permite-nos colocar diante de novas informações e experiências.

Para realizar a observação, planejamento e regência fui enquadrado nos seguintes dias e horários: segunda-feira: 1º ano A: sala 1, das 9h45 às 11h25; 2º ano C: sala 8, das 13h50 às 14h30. Terça-feira: 1º ano C: sala 1, das 7h50 às 9h30.

¹ Município brasileiro do Estado do Ceará. Situa-se na Região imediata de Redenção, Região intermediária de Fortaleza. Faz parte do Maciço de Baturité. Está distante 61,8km de capital.

² Tedse Silva Soares da Gama, Bissau-guineense, Bacharel em Humanidades, Licenciado em História. Atualmente mestrando em História Social na Universidade Federal do Ceará.

Quarta-feira - planejamento, das 8h00 às 10h00. Quinta-feira: 1º ano B, sala 2, das 13h00 às 14h40; 2º ano A: sala 6, das 15h45 às 17h25.

Dados da Escola

A Escola do Ensino Médio Maria do Carmo Bezerra é uma das Instituições mais antigas do Município de Acarape-Ce. Fundada em 1956. Antes era conhecida como Grupo Escolar de Acarape, nos anos subsequentes, justamente em 30 de abril de 1968 recebeu o nome de Grupo Escolar Maria do Carmo Bezerra pelo decreto nº11.393 de 17 de outubro de 1975 publicado no D.O de 30 de outubro do mesmo ano, onde a mesma passa a ser escola do primeiro grau. Em 2001 foi reconhecida como Escola de Ensino Fundamental e Médio. De acordo com as informações recolhidas, a escola recebeu o nome de Maria do Carmo Bezerra por esta ser a esposa do marido de quem concedeu o espaço na qual foi construído a escola.

Em 2010 a escola abraçou a proposta do Estado em implementar o Projeto Professor Diretor de turma e iniciou com os alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Em 2018 através da Secretaria da Educação foi contemplada o tempo integral, a proposta visa aumentar o tempo de permanência do aluno na Escola e, conseqüentemente, cultivar boas práticas educativas que tendem a contribuir no âmbito profissional, assim como, no âmbito da cidadania.

A escola tem como missão,

Oferecer um ensino de qualidade que contribua para formar cidadãos na sua plenitude, construtores de conhecimentos, atitudes e valores. Quanto aos valores, a escola pauta pela, “excelência, participação, solidariedade, respeito, equidade e ética” (PPP, 2019, sp).

No que tange a visão futura,

Ser uma escola do tempo integral com excelência no ensino ofertado, de modo a contribuir para a melhoria na qualidade de vida do nosso aluno, potencializando as suas habilidades afetivas e sociais para interagir como agente transformador na sociedade. (PPP, 2019, sp).

Com isso, a escola pretende como resultado ter perfil de educandos que consigam inserir no contexto de grandes transformações, o respeito ao ser humano e a sua dignidade. Formar homens e mulheres com conhecimento, conduta social, moral e intelectual como elementos de suporte aos desafios que a vida os coloca.

Concepção sobre o Estágio e a Educação

A partir dos pontos acima elucidados saliento a pertinência de uma breve discussão a respeito do Estágio supervisionado e da Educação Escolar.

De acordo com Cainelli (2009), a interpretação que se tem do Estágio é a demonstração do conhecimento adquirido na Universidade, na sua percepção o Estágio enquadra como momento de continuidade de aprendizagem, um lugar de treinamento para futuro espaço de atuação. Milanesi (2012) considera que o Estágio é um momento de grande importância na vida do estudante por conta da inversão dos papéis, ou seja, saindo da condição do discente para o docente. Sendo sua primeira experiência, o estudante carrega muita angústia nessa nova etapa da vida. Pimenta e Lima (2012) afirmam que os alunos consideram que a profissão se aprende na prática.

Considero o Estágio como um espaço de interação e vivência acadêmica, onde é possível mesclar a teoria e a prática num único ambiente, dando o aluno a possibilidade de se relacionar com o seu futuro espaço de atuação.

No âmbito educacional, Brandão (2007) coloca a educação em todos lugares da sociedade, onde se faz presente o ser humano. Diante disso, considera-se que todos são educados em diferentes moldes, pois, não existe uma única forma da educação. Entretanto, cada sociedade escolhe os valores a serem colocados, tanto na educação escolar, familiar, assim como, as demais formas existentes. Portanto, todas as formas educacionais são importantes porque contribuem na formação do cidadão e, conseqüentemente, sua atuação no seio ao qual está inserido.

A escola e a família devem proporcionar um ambiente que possa permitir o aluno desenvolver suas competências, habilidades e o modo de agir na sociedade.

Observação

A partir da leitura do texto de Marli Andé (1995), a etnografia da prática escolar, pode considerar a observação como uma ação da prática etnográfica, pois é uma pesquisa que envolve técnicas de coleta de dados de uma determinada comunidade ou grupo escolar, o que representa uma preocupação com a sociedade.

Comecei a observação como estudante de Curso de Licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab³. Analisei a Escola em todos os aspectos necessários. Por um lado, considero que, a escola possui um estabelecimento adequável à prática do ensino. Por outro lado, ela

³ Criada em 2010, através da lei Nº 12.289, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio do Itamaraty em Brasília. A UNILAB tem sede em Redenção (CE) e ainda possui um campus na cidade São Francisco do Conde (BA), pensada como a forma de aproximar o Brasil com os países Africanos de Língua Portuguesa e Timor-Leste.

carece de um espaço de lazer, em que os alunos possam disfrutar o momento de recreio e não só.

A escola se localiza num ambiente cercado de residências, que de certa forma o barulho pode ocasionar interferência em algumas atividades. Os materiais escolares conseguem proporcionar um ambiente de interação entre a direção, professores e alunos. O núcleo gestor e os demais segmentos da Escola são pessoas qualificadas, apresentam sinal de dedicação e compromisso com o lugar que ocupam. O Plano Político Pedagógico e Regimento Interno detalham sucintamente o dever e a responsabilidade de cada um, portanto, estão bem elaborados com as demandas da vida escolar, por fim o comportamento dos alunos não é plausível. Após a análise desses componentes, foram realizadas várias observações em diferentes salas de aula, com intuito de ter uma ampla visão sobre a relação do estudante e professor, assim como este último ministra seus conteúdos.

Apesar da ausência de interesse por parte dos alunos, vale frisar que os conteúdos nem sempre são abordados com uma certa dinâmica que proporcione uma aula interativa. Com isso, estamos perante uma dicotomia que pode ser observada no texto “multiculturalismo diferenças culturais e práticas pedagógicas” da autoria de António Flavio Moreira e Vera Maria Candau, 2010.

Da parte dos professores, os jovens alunos são comumente rotulados e desinteressados pelos conteúdos escolares, apáticos, indisciplinados, alguns violentos, tidos como de baixa cultura, com sexualidade exacerbada e alienada hedonistas e consumistas (MAREIRA & CANDAU, 2010, p.182).

Por sua vez, os alunos:

Dão testemunho de uma experiência pouco feliz no ambiente escolar, especialmente quando se trata de aulas e professores: aulas chatas e sem sentido prático professores despreparados e sem “sem didática” (MAREIRA & CANDAU, 2010, p.182).

Diante desta situação, a Direção da Escola, os professores, assim como a família precisam estar envolvidos na mudança desse enigma.

Planejamento

Dentre as três modalidades de planejamentos existentes: plano da escola, plano do ensino e plano da aula, o nosso foco se direciona ao plano da aula. De acordo com Libâneo (2013, sp), o planejamento se configura num “meio de programar ações docentes”. Também se pode considerar momento de pesquisa, assim como reflexão diretamente ligado ao processo avaliativo. Ainda o autor sustenta que, essa atividade não se resume apenas a sala de aula, mas também as exigências e a experiência sobre a vida dos alunos, pois planejar exige uma articulação adequando a realidade social do estudante.

Semanalmente, o planejamento acontece toda quarta-feira. Foi um momento de bastante aprendizado que me possibilitou ter bases suficientes para essa ação, que também é considerado como um momento de organização. Além dos encontros com o professor, também aproveitei desse aprendizado para planejar os conteúdos que ministrei durante a regência. Procurei trazer os elementos que possam inserir os alunos dentro dos conteúdos a serem abordados, para que possam sentir contemplados na discussão e gerar o debate. Nem sempre foi possível uma aula dialogada com os alunos devido ao pouco tempo para as disciplinas de História.

Regência

Entendo a regência como uma atividade teórica que visa conhecer e aproximar da realidade do estudo ou futuro espaço do regente, caso opte por seguir o caminho da docência. Ao mesmo tempo pode ser entendida como um espaço de pesquisa e reencontro com algumas discussões vistas na academia.

Antes de iniciar a regência apontei inúmeros conselhos que possam servir, pois não entrei na sala de aula como estudante que pretende apenas cumprir a carga horária, me coloco diante de um compromisso com a Educação, como se não bastasse tinha que percorrer outro caminho. Tendo em conta as situações inadequadas praticadas por alunos, optei por elaborar 10 pontos como norma que facilitaria bom funcionamento da aula. O regulamento foi cumprido, mas não de uma forma escrupulosa. No entanto, contribuiu de forma significativa para a explicação dos conteúdos, segue a norma;

1. Prezar pelos objetivos da escola;
2. Respeitar para que seja respeitado;
3. Evitar as palavras ofensivas;
4. Evitar de conversas paralelas que desviam atenção de outrem;
5. Escutar o professor ou colega no uso da fala;
6. Chamar o professor ou colega quando o assunto diz respeito a aula ou de extrema importância;
7. Falar uma de cada vez para uma melhor compreensão;
8. Evitar as frequentes saídas para beber água ou ir ao banheiro ou mudança de lugar porque atrapalha o funcionamento da aula;

9. Guardar os lixos e jogar uma única vez no final da aula;

10. Cumprir e fazer cumprir a norma.

Na 1ª aula fiz jogos de papelinho, ou seja, cada aluno podia escolher um papelinho e dentro desses papeis tinham frases conectados com os assuntos da aula, a ideia visa destacar os pontos principais do livro por parte dos alunos, fazendo com que haja interação e participação de todos na aula. Na 2ª aula, dividi a turma em (4) grupos, cada grupo deve mencionar (5) palavras chaves e posteriormente explicar sucintamente as palavras escolhidas, a proposta tenciona gerar o envolvimento de todos. A 3ª aula foi marcada pela explanação dos conteúdos através de imagens e vídeos que fazem menção aos pontos vinculados a aula, o objetivo é aprender além do mundo da escrita, devido ao tempo não foi possível criar dinâmica a cada aula, os demais encontros ocorrerem num ambiente de aula expositiva.

Os temas abordados na regência são: o Egito faraônico, as dinastias egípcias, a construção dos Estados Unidos, o Iluminismo, o Imperialismo, Paraíso terrestre, Feudalismo, a Revolução Cultural, a Guerra dos Cem anos, a Independência das 13 colônias, assim sendo, trago apenas a discussão do primeiro tópico.

Ao abordar o conteúdo relacionado ao Egito, distanciei do livro didático por carecer de algumas informações relacionadas ao Continente africano, assim sendo tinha como suporte 1º volume de história geral da África da autoria da Elikia MBokolo “África Negra História e Civilizações”, e “África na Sala de aula” da autoria de Leite Leite Hernandez. Com os dois autores procurei desmistificar a construção da ideia de uma África sem História, posto isto, apresentei as primeiras grandes civilizações

africanas (Núbia e Kush), seus modos de vida que deu base a sociedade contemporânea, tanto na agricultura, comércio, metalurgia do ferro, formas de cultuar as divindades, etc.

Tendo posto em evidência esses elementos foram possíveis elucidar as diferentes formas de organização política (dinastias) em que cada faraó apresentava o modelo da sua governação de acordo com os seus preceitos religiosos. Esses apontamentos possibilitaram os alunos uma maior compreensão da África além dos livros didáticos e media.

Ao abordar esse conteúdo e perceber o desconhecimento dos alunos sobre a África recordei da importância da lei 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Considerações finais

Falo a partir da minha realidade de estudo, um país referente do Brasil em termo de perspectiva educacional, minhas colocações podem ser de forma diferencial no momento de analisar a realidade brasileira. Parto dessa colocação para fazer uma enologia do contexto brasileiro, em que muitas situações não constituem muita preocupação para o Estado, por exemplo; infraestrutura escolares, atualizações de livros didáticos e demais elementos.

Apesar de um certo avanço do ensino brasileiro, mas ainda há que se fazer o melhor. O Estágio me permitiu enxergar a realidade educacional brasileira no Ensino Médio e entender a sua problemática. Essa situação confirma as discussões tidas

anteriormente na universidade, em que foram apontados algumas dificuldades ou situações indesejáveis, como por exemplo; professores presos ao livro didático, dificuldade em ministrar a aula, ausência de interesse dos alunos, etc. Por outro lado, a escola tem nos seus objetivos formar cidadão críticos que sejam capazes de transformar a realidade local, pelos vistos, ainda resta a desejar o seu cumprimento.

Ademais, a escola precisa repensar a representatividade no domínio religioso, há uma necessidade de atender o princípio da laicidade que é garantida pela Constituição Federal. Além de mais, faz-se necessário contemplar mais discussões sobre o Continente africano para que os professores e alunos possam nutrir das raízes africanas no Brasil, também saliento a pertinência de abordar África na contemporaneidade.

Referências

- ANDRÉ, Marli Elisa. *Etnografia da Prática Escolar*. São Paulo: Papyrus, 1995. pp.23-33.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. - São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CAINELLI, Marlene. *A história ensinada no Estágio supervisionado do curso de História: a aula expositiva como experiência narrativa*. História & Ensino, Londrina, v.15, ago.2009. pp.173-182.
- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. Selo negro. São Paulo, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. O planejamento escolar. In. *Didática: velhos e novos temas*. Goiânia: Edição do autor, 2002. pp. 221-247.
- MALANESI, Irton. Estágio Supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. In. *Educar em Revista*, n.46. p.209-227. Editora UFPR, 2012.
- MARIA DO CARMO BEZERRA. *Projeto Político Pedagógico*, 2019.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra*. história e civilizações; tradução de Alfredo Margarido; revisão acadêmica da tradução para a edição brasileira Valdemir Zamparoni; assistentes: Bruno Pessoti e Mônica Santos. – Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2008.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (Org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10. ed. Vozes, 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. diferentes concepções. Revista Poíesis - Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

Stefan Zweig e o mundo de ontem: a autobiografia de uma era

Stefan Zweig and the world of yesterday: the autobiography of na era

Wander Luiz Demartini Nunes¹

O austríaco Stefan Zweig foi uma figura de grande proeminência no cenário cultural europeu nas primeiras décadas do século XX. Com suas novelas, poemas e biografias, tornou-se um dos escritores mais conhecidos da primeira metade do século. Manteve contato com outras figuras de renome daquele recorte histórico, de Theodor Herzl a Sigmund Freud. Tal gama de contatos, experiências próximas aos eventos cataclísmicos daquele período, além de sua destacada sensibilidade para colocar no papel os eventos os quais presenciou, os quais tiveram um impacto direto em sua vida, tornam de grande interesse sua autobiografia sobre o “mundo de ontem”.

Nessa obra, Stefan Zweig apontou os aspectos mais variados da sociedade europeia de antes da Primeira Guerra Mundial, desde a repressão à sexualidade dos jovens, sua falta de fé no sistema de ensino, fosse no liceu ou na universidade, até a destruição da Grande Guerra, as crises econômicas da década de 1920, a ascensão do nazismo e sua jornada de exilado. Tais escritos afiguram-se como uma fonte bastante rica para pesquisadores que tenham por objeto de pesquisa a primeira metade do século XX. No entanto, ele que também alcançou destaque por escrever biografias, como a de Maria Antonieta e de Joseph Fouché, não se considerava

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). Contato: wander.demartini@gmail.com.

importante a ponto de ser digno de também receber uma biografia. Assim começou sua obra: “Nunca atribuí tanta importância a mim mesmo a ponto de ficar tentado a contar a outros as histórias da minha vida” (ZWEIG, 2014, p. 13). Não obstante, a quantidade de eventos importantes vivenciados o levava a buscar contar a história de seus contemporâneos, criando uma espécie diferente de autobiografia:

Nada mais distante de mim do que me colocar em primeiro lugar, salvo como um palestrante que faz uma apresentação com dispositivos; o tempo fornece as imagens, eu me encarrego das palavras, e nem será tanto a minha trajetória que pretendo contar, e sim a de uma geração inteira – nossa geração única, carregada de vicissitudes como poucas outras no curso da história. Cada um de nós, mesmo o menor e o mais insignificante, foi revolido no seu íntimo pelos abalos sísmicos quase ininterruptos de nossa terra europeia; e eu, entre inúmeros tantos, não consigo me atribuir outra primazia senão a de que, como austríaco, como escritor, como humanista e pacifista, sempre estive justamente nos lugares onde esses abalos foram mais violentos. Três vezes eles destruíram minha casa e minha vida, arrancando-me de tudo o que existiu antes, de todo o passado, e me arremessando com sua veemência dramática para o vazio, para o “não sei para onde ir”, que eu já conhecia (ZWEIG, 2014, p. 13).

É possível observar em Stefan Zweig alguém que sentiu o peso de uma gama enorme de eventos históricos, os quais muitas vezes não representam algo de bom simplesmente por serem históricos, sobre sua existência. Parece que o indivíduo pode acabar esmagado por tais acontecimentos, como em seu caso, diante do exílio e da falta de esperança no futuro de sua amada Europa. Se para Adorno o exílio pode causar uma espécie de “mutilação” no intelectual, os eventos que levaram Zweig ao exílio, uma vez que estava dentre os alvos do nazismo devido às suas origens judaicas, o precipitaram no suicídio, cometido no dia 23 de fevereiro de 1942, na cidade de Petrópolis. Ao sabermos hoje do desfecho de sua vida, percebemos melhor

o significado de algumas de suas palavras mais obscuras em Autobiografia: o mundo de ontem:

Pois eu considero nossa memória um elemento que não conserva casualmente um ou perde outro, mas sim uma força que ordena cientemente e exclui com sabedoria. Tudo o que esquecemos de nossas próprias vidas, na verdade, já foi sentenciado a ser esquecido há muito tempo por um instinto interior. Só aquilo que eu quero conservar tem direito de ser conservado para outros. Portanto, recordações, falem e escolham no meu lugar, e forneçam ao menos um reflexo da minha vida antes que ela submerja nas trevas! (ZWEIG, 2014, p.18).

A obra analisada no presente trabalho foi produzida por Stefan Zweig durante sua vida no exílio. Tal experiência impactou, obviamente, sua produção. Peter Burke debateu diversos conceitos referentes ao distanciamento em sua obra Perdas e ganhos, tais como: expatriação, refúgio, desprovincialização, visão bifocal, desterritorialização, hibridização e, obviamente, exílio. Como o título demonstra, o historiador buscou apontar as perdas em decorrência do exílio, apesar do escritor afirmar ser bastante difícil mensurar como teria sido a vida e a produção de vários intelectuais que passaram pelo exílio, e os ganhos proporcionado por tal experiência na obra dos exilados, assim como as vantagens proporcionadas por seu contato para os chamados povos receptores. Uma ideia importante explanada no livro de Burke foi que o distanciamento permite uma melhor visão da big picture. Segundo essa ideia, a experiência do exílio, da expatriação, ou de algum tipo de distanciamento, leva a um “olhar do alto”, o qual permitiu a esses indivíduos uma melhor perspectiva dos eventos: “A distância imposta pelo exílio permitiu que alguns acadêmicos alçassem um voo de pássaro e vissem a big Picture com mais clareza que antes” (BURKE, 2017, p. 39).

Nesse ponto, dentre os intelectuais apontados como exemplo por Burke, aparece o nome de Gilberto Freyre:

De maneira similar, o historiador e sociólogo brasileiro Gilberto Freyre escreveu no exílio seu livro mais famoso, *Casa-grande e senzala* (1933), primeiro em Lisboa e depois em Stanford, pouco depois da Revolução de 1930, pela qual Getúlio Vargas ascendeu ao poder. Rodrigo Mello Franco de Andrade, amigo de Freyre, disse que *Casa-grande* foi uma das únicas consequências positivas da revolução (BURKE, 2017, p. 39).

Nesse sentido, a referida obra de Stefan Zweig pode proporcionar uma espécie de visão a partir da ótica descrita por Burke, voltada para uma melhor observação da *big picture*, uma vez que, mesmo tendo sido uma experiência traumática, o proporcionou um distanciamento que lhe permitiu uma visão ampliada de todo o cenário europeu descrito em suas memórias. Já não considerava possuir uma pátria, seu mundo de ontem havia desaparecido. “Assim, não pertenço a lugar algum, em toda parte sou estrangeiro ou, na melhor das hipóteses, hóspede; a própria pátria que meu coração elegeu para si, a Europa, perdeu-se para mim, desde que se autodilacera pela segunda vez em uma guerra fratricida” (ZWEIG, 2017, p.14). Em outros casos, a experiência do distanciamento pode ter incorrido em algo positivo para alguns, como Tzvetan Todorov, que já na segunda metade do século XX escreveu para explicar como havia se aprofundado na cultura francesa em *O homem desenraizado*, outros intelectuais que vivenciaram a experiência do exílio de forma mais dramática, tal como Edward Said, não a deixaram de retratar seus aspectos traumáticos:

O exílio é um dos destinos mais tristes. Nos tempos pré-modernos, a deportação era um castigo particularmente terrível, uma vez que significava

não apenas anos de vida errante e desnorreada longe da família e dos lugares conhecidos, como também ser uma espécie de pária permanente, alguém que nunca se sentia em casa, sempre em conflito com o ambiente que o cercava, inconsolável em relação ao passado, amargo perante o presente e o futuro (SAID, 2005, p. 55).

Diante dos aspectos aqui apresentados, este trabalho se voltará para a autobiografia de Stefan Zweig, utilizando suas memórias para uma reflexão sobre eventos como a eclosão da Primeira Guerra Mundial, as crises econômicas da década de 1920 e a ascensão do nazismo, mas o ponto central será uma observação do impacto do exílio em *Autobiografia: o mundo de ontem*.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia: reflexões a partir de uma vida lesada*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500 – 2000*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

DINES, Alberto. *Morte no Paraíso*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SAID, Edward W., *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward W., *Representações do intelectual: as Conferência de Reith de 1933*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.